

# Como eu trabalho\*

Paul Krugman†

Minha missão formal neste ensaio é falar sobre minha “filosofia de vida”. É importante deixar claro desde o início que não tenciono seguir instruções, pois nada sei de especial sobre a vida em geral. Acredito que foi Schumpeter quem reivindicou ser não somente o melhor economista como também o melhor cavaleiro e o melhor amante em sua Áustria natal. Eu não monto cavalos e tenho poucas ilusões sobre outras qualificações. Sou, entretanto, um cozinheiro muito bom.

Neste ensaio, pretendo ser mais restrito: fazer algumas reflexões sobre como pensar e, particularmente, como tornar a Economia interessante.

Entre os economistas de minha geração, meu estilo intelectual é razoavelmente distinto - não necessariamente melhor que o de meus colegas, porque há várias maneiras de ser um bom economista, no entanto uma delas muito me beneficiou. A essência desse estilo é uma estratégia geral de pesquisa que pode ser resumida em umas poucas regras; também vejo meus escritos e discursos politicamente orientados, baseados fundamentalmente nos mesmos princípios.

Minhas regras para pesquisa serão colocadas ao final deste ensaio. Para melhor introduzi-las, no entanto, descreverei estas regras da forma como - assim me parece - encontrei a minha maneira de trabalhar.

## Origens

Hoje, a maioria dos jovens economistas vêm de alguma área técnica de ponta. Pretendendo desenvolver sua carreira em algumas dessas ciências ou engenharias, acabam deslizando na escala em direção à mais rigorosa das ciências sociais. E entram na área da Economia com a vantagem de estarem bem treinados em Matemática e familiarizados com o conceito de modelo formal. No

---

\* Este artigo está sendo publicado com a autorização do próprio autor e da revista *The American Economist*. Originalmente, este texto, *How I Work*, foi publicado em Michael Szemberg ed., *Passion and Craft, Economists at Work* (Ann Arbor: Michigan University Press, 1997).

Tradução do Inglês: Sylvia M. S. Cristóvão dos Santos.

† Professor of Economics, MIT.

entanto, esse não é o meu caso. Minha primeira paixão foi História. Matemática, estudei apenas o que me ia sendo necessário.

Apesar disso, ainda como estudante *junior* em Yale, envolvi-me profundamente com Economia, trabalhando como assistente de pesquisa - sobre mercados de energia mundial - para William Nordhaus. O curso de pós-graduação seguiu-se naturalmente. Ainda no MIT, escrevi meu primeiro artigo realmente satisfatório - uma análise teórica das crises do balanço de pagamentos. Descobri minha habilidade em manejar pequenos modelos matemáticos, por meio da formulação de hipóteses simplificadoras. Todavia, quando deixei o curso de pós-graduação estava, pelo menos na minha cabeça, um pouco sem direção. Não estava certo sobre com o quê trabalhar, nem mesmo se realmente gostava de pesquisa.

Em janeiro de 1978, de repente encontrei minhas raízes intelectuais. Em visita ao meu velho orientador, Rudi Dornbusch, descrevi-lhe várias idéias, incluindo uma vaga noção de que os modelos de competição monopolística que estudei em um rápido curso oferecido por Bob Solow - especialmente o encantador pequeno modelo de Dixit e Stiglitz - poderiam ter alguma ligação com comércio internacional. Rudi assinalou essa idéia como potencialmente muito interessante. Fui para casa trabalhar seriamente sobre ela. Em poucos dias, deparei-me com algo que poderia formar a essência de minha vida profissional.

Percebi que meus modelos de comércio não eram particularmente surpreendentes, pois já se havia pensado sobre eles; economias de escala poderiam ser uma causa independente do comércio internacional mesmo na ausência da vantagem comparativa. Entretanto, o que parecia ser um novo *insight* para mim fora várias vezes citado antes pelos críticos da teoria convencional do comércio. Meus modelos não alcançavam resultados precisos ou exatos; em particular, eles tinham tipicamente muitos equilíbrios. Para torná-los manejáveis, era necessário formular hipóteses obviamente irreais. E, uma vez formuladas essas hipóteses, os modelos tornavam-se trivialmente simples; redigi-los não me deixava nenhuma oportunidade para expor uma técnica poderosa. Assim, poder-se-ia concluir que eu não estava fazendo nada interessante - e foi o que alguns dos meus colegas me disseram durante os anos seguintes.

Entretanto, percebi - e por algumas razões, quase imediatamente - que todas essas características eram virtudes, não vícios - elas se somavam na elaboração de um programa que poderia levar a anos de pesquisa produtiva.

O que eu estava dizendo, os críticos da teoria convencional vinham dizendo há décadas. No entanto, meu ponto *não* fazia parte da corrente principal da economia internacional. Por quê? Porque nunca fora expresso em modelos exatos. Os novos modelos de competição monopolística deram-me um instrumento para abrir facilmente o que era considerado previamente como um

ninho de ratos. Mais importante, no entanto, pude observar de um momento para o outro toda a considerável extensão sobre a qual a metodologia da economia cria áreas nebulosas. Nós simplesmente não vemos o que não podemos formalizar. E a maior de todas as áreas nebulosas envolvia retornos crescentes. A minha missão estava logo ali, à minha mão: procurar questões de um ângulo ligeiramente diferente e, em assim fazendo, revelar o óbvio, que essas questões estiveram exatamente sob nossos narizes todo o tempo.

Os modelos que redigi naquele inverno e primavera estavam incompletos, caso alguém pedisse que eles especificassem exatamente quem produziu o quê. E, entretanto, eles contavam histórias significativas. Tomou-me um longo tempo expressar claramente o que eu estava fazendo, mas eventualmente observei que uma maneira de tratar um problema difícil é mudar a questão - em particular, mudar os níveis de análise. Uma análise detalhada deve ser extremamente desagradável. No entanto, uma descrição agregativa ou sistemática, que é mais fácil, deve dizer-lhe tudo o que você precisa saber.

Entender esse sistema ou o nível agregado da descrição exigiu, naturalmente, aceitar as hipóteses basicamente tolas que suportam o modelo Dixit-Stiglitz e os modelos relacionados. Contudo, essas hipóteses tolas pareciam levar-me a contar histórias persuasivas que não poderiam ser contadas usando as hipóteses sagradas do modelo competitivo padrão. Comecei a observar que, em Economia, estamos sempre formulando hipóteses tolas; e que algumas delas parecem frequentemente naturais. Assim, não se deve rejeitar um modelo, embora tolo, até que se veja aonde suas hipóteses o levam.

Finalmente, a simplicidade dos modelos deve ter frustrado meu ímpeto de exibir as habilidades técnicas que adquiri tão laboriosamente no curso de pós-graduação, mas foi crucial para o projeto. Os teóricos do comércio fracassaram ao aplicar o papel dos retornos crescentes, não devido à convicção empírica, mas porque pensavam que era muito difícil elaborar os modelos. Então, como mostrar, de fato, que essa elaboração poderia ser quase puerilmente simples?

E assim, antes dos meus 25 anos, eu sabia, basicamente, o que fazer com minha vida profissional. Não sabia o que aconteceria se meu grande projeto fosse rejeitado por outros economistas - talvez me tornasse excêntrico, perderia a confiança e abandonaria o esforço. Mas, de fato, tudo ocorreu espantosamente bem.

Em minha cabeça, a curva do meu núcleo de pesquisa, desde aquele janeiro de 1978, seguiu um caminho consideravelmente consistente. Em poucos meses, escrevi um modelo de comércio com competição monopolística básica. Como foi produzido, simultânea e independentemente aos modelos similares de Avinash Dixit e Victor Norman, por um lado, e de Kelvin Lancaster, por outro, tive um certo problema para publicar o artigo que recebeu a rejeição indignada de um

*journal* da mais alta qualidade (o *QJE*) que parece ser o destino de toda inovação em Economia, mas persisti.

De 1978 até o final de 1984, concentrei praticamente todas as minhas energias de pesquisa no papel dos retornos crescentes e na competição imperfeita no comércio internacional. Fiquei um ano fora, trabalhando no Governo dos Estados Unidos; mas, veremos mais sobre isso a seguir. O que era uma questão pessoal tornou-se um movimento quando outros seguiram o mesmo caminho. Sobretudo, Elhanan Helpman - um pensador profundo cuja integridade e auto-disciplina eram contrapartidas úteis para minha própria falta de crítica e desorganização - primeiro, ele mesmo fez contribuições cruciais, então falou-me em trabalho colaborativo. Nosso trabalho mais importante, *Market Structure and Foreign Trade*, serviu ao propósito de tornar nossas idéias, não só respeitáveis, mas quase um padrão; iconoclastia à ortodoxia durante sete anos.

Por qualquer razão, deixei abandonado o meu grande projeto sobre retornos crescentes durante uns poucos anos, na década de 80, e voltei minha atenção para finanças internacionais. Meu trabalho nessa área consistiu principalmente de pequenos modelos inspirados em questões correntes de política; embora lhes falte o tema integrante de meus modelos de comércio, penso que meu trabalho sobre finanças é, de alguma forma, unificado por seu estilo intelectual, muito similar àquele do meu trabalho sobre comércio.

Em 1990, retomei a economia de retornos crescentes de uma nova direção. Observei repentinamente que as técnicas que nos permitiram legitimar o papel dos retornos crescentes no comércio poderiam também ser usadas para reivindicar um campo totalmente proscrito: o da geografia econômica, a locação da atividade no espaço.

Aqui, talvez muito mais do que no comércio, estava uma área cheia de *insights* empíricos, boas histórias e importância prática óbvia que foi negligenciada pela ausência de uma boa maneira para formalizá-la. Para mim, foi como reviver os melhores momentos de minha infância intelectual. Fazer geografia é um trabalho árduo; é muito difícil fazer os modelos parecerem triviais e sinto, cada vez mais, a necessidade da ajuda de um computador não só para analisar dados mas, também, para teorizar. No entanto, é imensamente compensador. Para mim, a maior emoção na teoria é o momento em que seu modelo diz-lhe alguma coisa que *deveria* ter sido óbvia do princípio ao fim, alguma coisa que pode estar imediatamente relacionada ao que você sabe sobre o mundo e, no entanto, realmente *não* se apercebeu. Geografia ainda tem essa emoção.

Além disso, meu trabalho sobre geografia parece, neste momento em que escrevo, estar me levando para outra área. Em particular, existem afinidades óbvias entre os conceitos que surgem naturalmente em modelos geográficos e a linguagem da economia tradicional do desenvolvimento - a "alta teoria do desenvolvimento" que floresceu nas décadas de 40 e 50 e, então, desmoronou. Assim, espero que meu projeto básico de pesquisa continue ampliando-se em finalidade.

## Regras para pesquisa

Na descrição de meu momento formativo em 1978, sugeri implicitamente minhas quatro regras básicas para pesquisa. Deixe-me, agora, colocá-las explicitamente, para então explicá-las. Aqui estão as regras:

1. *Escute os gentios*
2. *Questione a questão*
3. *Atreva-se a ser tolo*
4. *Simplique, simplifique*

### Escute os gentios

Esta regra quer dizer, “*Preste atenção no que as pessoas inteligentes estão dizendo, mesmo se elas não têm seus costumes ou falam sua língua analítica.*”

Talvez seja melhor explicar por intermédio de um exemplo. Quando comecei a repensar a teoria do comércio internacional já havia uma literatura considerável criticando a teoria convencional. Os empiricistas mostraram que o comércio tomou amplamente lugar entre países com dotação de fatores aparentemente similares e que muito desse comércio envolveu trocas entre indústrias de produtos aparentemente similares. Observadores apurados apontaram a importância da economia de escala e da competição imperfeita nos mercados internacionais reais. No entanto, todo esse comentário inteligente foi ignorado pela corrente principal dos teóricos do comércio - além disso, seus críticos pareciam frequentemente ter um entendimento imperfeito da vantagem comparativa e não tinham nenhum modelo coerente próprio para oferecer; assim, por que prestar atenção neles? O resultado foi que a economia fechou os olhos para a evidência e para as histórias que estavam sob seu nariz.

O mesmo se repete em Geografia. Geógrafos e cientistas regionais acumularam uma grande quantidade de evidências sobre a natureza e a importância das economias externas locais, organizando-as inteligentemente, se não rigorosamente. Contudo, os economistas ignoraram o que eles tinham para dizer porque vinha de pessoas que falavam outra língua.

Não quero dizer que a análise econômica formal não tenha valor e que a opinião de alguns sobre assuntos econômicos é tão boa quanto a de outros. Ao contrário! Sou um forte crente da importância de modelos que são, para nossas cabeças, o que os arremessadores de lanças foram para as armas na idade da pedra: os modelos ampliam grandemente o poder e a variedade de nossos *insights*. Particularmente, não tenho simpatia por aquelas pessoas que criticam as

simplificações irrealistas dos construtores de modelos e imaginam que eles atingem uma sofisticação maior evitando expressar claramente suas hipóteses.

O ponto é observar que os modelos econômicos são metáforas, fatos irreais. Sem dúvida, expresse seus pensamentos em modelos, tão bonitos quanto possível - vejamos mais sobre isso a seguir. Mas, lembre-se sempre de que você pode ter encontrado a metáfora errada e que alguém mais, com uma metáfora diferente, pode estar vendo alguma coisa que você deixou passar.

## Questione a questão

Havia uma literatura limitada sobre economias externas e comércio internacional antes de 1978. Nunca foi, no entanto, uma literatura muito influente porque parecia desordenada; mesmo os modelos mais simples estavam atolados em uma taxonomia de resultados possíveis.

Desde então, o que se tornou mais claro é que essa desordem surgiu, em grande parte, porque os criadores desses modelos estavam exigindo que eles fizessem o que os modelos tradicionais de comércio faziam, ou seja, predizer um padrão preciso de especialização e comércio. Contudo, por que inquirir sobre essa questão particular? Mesmo no modelo Heckscher-Ohlin, a questão que deve ser colocada é alguma coisa como "*Um país tende a exportar bens cuja produção é intensiva nos fatores nos quais aquele país é abundante*"; se o seu modelo específico diz que o país doméstico, abundante em capital, exporta o bem X intensivo em capital, isso é valioso, porque forma o seu entendimento *desse insight*, não porque você está realmente preocupado com estes detalhes particulares de um modelo patentemente super simplificado.

É sabido que, se não se questiona essa espécie de detalhe que se obtém num modelo clássico de dois setores e dois bens, um modelo de economia externa não precisa ser de todo desordenado. Se você elabora questões de "sistema" sobre como o bem-estar e a renda mundial são distribuídas, é possível fazer modelos ordenados e muito simples. E é realmente nessas questões de "sistema" que estamos interessados. Para ser franco, o foco sobre detalhes excessivos era uma questão de preconceitos impregnados de um modelo rigorosamente trabalhado, para um domínio no qual eles somente dificultaram a vida.

O mesmo é verdade em muitas áreas em que trabalhei. Em geral, se uma pessoa é incapaz de avançar em uma área cujas questões parecem muito difíceis, é importante perguntar se ela está realmente trabalhando nas questões corretas. Frequentemente, uma outra questão é não somente mais fácil para responder como, realmente, mais interessante! A parte negativa deste truque é que, muitas vezes, deixa as pessoas zangadas. Um acadêmico que gastou anos em um problema difícil raramente é grato quando você sugere que sua área pode ser reanimada desviando-a.

## Atreva-se a ser tolo

Se você quer publicar um artigo em teoria econômica, há uma abordagem segura: faça algum modelo familiar, conceitualmente sem importância, mas matematicamente difícil. Como as hipóteses básicas do modelo já são familiares, as pessoas não as considerarão tão estranhas; como você fez alguma coisa tecnicamente difícil, você será respeitado por sua demonstração de poder de fogo. Infelizmente, não terá adicionado muito ao conhecimento humano.

Na nova teoria de comércio, minha conduta foi muito mais no sentido oposto. Trabalhei com hipóteses não familiares e manipulei-as de forma muito simples.

Tal conduta requer uma boa dose de auto-confiança, porque inicialmente as pessoas - especialmente pareceristas - estão quase seguras não só para criticar o seu trabalho, mas também para ridicularizá-lo. Além do mais, suas hipóteses certamente parecerão peculiares: um contínuo de bens, todos com funções de produção idênticas, inseridos simetricamente na função utilidade? Países de dimensão econômica idêntica, com dotação de fatores exatamente iguais? Por que, as pessoas perguntarão, eles devem estar interessados em um modelo com essas hipóteses tolas - especialmente quando há pessoas jovens, evidentemente muito mais inteligentes, que demonstram suas qualidades resolvendo problemas difíceis?

O que parece terrivelmente penoso para muitos economistas aceitarem é que todos os nossos modelos envolvem hipóteses tolas. Dado o que nós sabemos sobre psicologia cognitiva, maximização de utilidade é um conceito ridículo; equilíbrio, muito tolo, exceto para os mercados financeiros; competição perfeita, uma asneira para muitas indústrias. Formulamos essas hipóteses não porque elas são razoáveis, mas porque elas nos parecem ajudar a produzir modelos que são metáforas úteis para o que pensamos acontecer no mundo real.

Considere o exemplo no qual alguns economistas parecem pensar não ser simplesmente um modelo útil, mas uma verdade divina revelada: o modelo Arrow-Debreu de competição perfeita com maximização de utilidade e mercados completos. Esse é, de fato, um modelo maravilhoso - não porque suas hipóteses são remotamente plausíveis, mas porque nos ajuda a pensar mais claramente sobre a natureza da eficiência econômica e nas perspectivas para atingir eficiência sob um sistema de mercado. É realmente uma tolice inspirada, maravilhosa.

Acredito que a idade da tolice criativa não é passado. Virtude, como um teórico econômico, não consiste em espremer a última gota de sangue das hipóteses que parecem naturais porque elas foram usadas em quase cem artigos anteriores. Se um novo conjunto de hipóteses parece produzir um conjunto valioso de *insights*, então, não se importe se elas parecem estranhas.

## Simplifique, simplifique

A ordem para atrever-se à tolice não é uma licença para ser indisciplinado. De fato, fazer teoria realmente inovadora requer muito mais disciplina intelectual do que trabalhar em uma literatura bem estruturada. Difícil realmente é permanecer na rota certa; como o terreno não é familiar, é muito fácil encontrar-se rodando em círculos. Em algum lugar, Keynes escreveu que “*it is astonishing what foolish things a man thinking alone can come temporarily to believe.*” É também crucial expressar suas idéias de maneira que as pessoas que não passaram os últimos anos lutando contra seus problemas e não estão dispostas a passar os próximos anos lutando contra suas respostas, possam entendê-las sem muito esforço.

Felizmente, há uma estratégia que realiza um duplo papel: ajuda a manter controle de seus próprios *insights* e torna esses *insights* acessíveis a outros. A estratégia é: tente sempre expressar suas idéias no modelo mais simples possível. O despojamento em direção a esse modelo minimalístico obrigará você a obter a essência do que está tentando dizer - e também tornarão óbvias aquelas situações em que você realmente não tem nada a dizer. E, além disso, esse modelo minimalístico facilitará também a explicação para outros economistas.

Utilizei a abordagem do “*modelo mínimo necessário*” várias vezes: usando um modelo de uma indústria e um fator para explicar o papel básico da competição monopolística no comércio; assumindo o setor específico do trabalho ao invés do modelo completo Heckscher-Ohlin com plena substituição de fatores para explicar os efeitos do comércio dentro das indústrias; trabalhando com países simétricos para avaliar o papel do *dumping* recíproco; e assim por diante. Em cada caso, o efeito foi me permitir enfrentar um assunto amplamente considerado como extraordinariamente difícil com o que parece, à primeira vista, ser de uma simplicidade ridícula.

O lado negativo dessa estratégia é, naturalmente, que muitos de seus colegas tenderão a assumir que um *insight* que pode ser expresso por meio de um pequeno modelo perspicaz deva ser trivial e óbvio - requer alguma sofisticação observar que a simplicidade resulta de anos de trabalho árduo. Quando Joseph Stiglitz estava sendo considerado para efetivar-se em Yale, um de seus colegas *senior* depreciou seu trabalho, dizendo que consistia principalmente de pequenos modelos em lugar de teoremas profundos. Outro colega perguntou, “*Mas, você não poderia dizer o mesmo sobre Paul Samuelson?*” “*Sim, eu poderia,*” replicou o oponente de Joe. A mesma reação aconteceu com respeito ao meu próprio trabalho.

Felizmente, há muitos economistas sofisticados por aí e, no final, a justiça intelectual é usualmente cumprida. E há um encantamento especial em atingir ousadamente não só o que nenhum economista atingiu antes, mas fazê-lo de tal forma que o fato pareça ser quase uma brincadeira de criança.

Até agora descrevi minhas regras básicas para pesquisa, ilustrando-as com minha experiência em desenvolver a “*nova teoria do comércio*” e com minha mais recente extensão daquele trabalho para geografia econômica, porque isso é a essência do meu trabalho. Mas, também fiz muitas outras coisas sem valor, que - parece para mim - também são, em algum sentido, parte do mesmo projeto. Assim, no restante deste ensaio, tenciono falar sobre esse outro trabalho e, em particular, sobre como o economista político e o economista analítico podem coexistir na mesma pessoa.

## Relevância do trabalho político

Muitos economistas teóricos se mantêm longe dos ensaios sobre questões correntes de política econômica - ou, se se envolvem em debates sobre essas questões, fazem-no somente depois da metade de sua carreira, como alguma coisa que se segue à formulação de teorias criativas em vez de coexistir com elas. Parece haver um consenso de que a clareza e a singeleza do propósito requerido para se fazer uma boa teoria são incompatíveis com a tolerância para com questões desordenadas exigidas para serem atuantes na discussão sobre políticas.

Para mim, no entanto, nunca funcionou dessa maneira. Minha carreira acadêmica foi intercalada com aventuras de consultas para vários governos e instituições públicas, bem como um ano inteiro no Governo dos Estados Unidos. Também escrevi um livro, *The Age of Diminished Expectations*, dirigido a um público não-técnico. Escrevi ainda um fluxo muito regular de artigos motivados não pela lógica interior de minha pesquisa, mas pela tentativa de entender algum debate sobre política atual - por exemplo, auxílio à dívida do Terceiro Mundo, áreas alvo para taxas de câmbio, o aumento dos blocos do comércio regional. Tudo isto não pareceu prejudicar minha pesquisa e, de fato, alguns dos meus artigos favoritos cresceram desse trabalho orientado para políticas econômicas.

Por que o trabalho político relevante não parece conflitar com minha “*verdadeira*” pesquisa? Penso que é porque fui capaz de tratar as questões políticas, usando quase exatamente o mesmo método usado em meu trabalho mais básico. Prestar atenção nos relatórios de jornais ou nas preocupações dos presidentes de bancos centrais e ministros das finanças é só outra forma de escutar os gentios. Tentar encontrar uma maneira útil de definir seus problemas é praticamente idêntico a discutir a mesma questão em teoria. Confrontar pessoas consideravelmente conhecedoras com uma visão não ortodoxa de uma questão requer certamente coragem para ser tolo. E, naturalmente, a simplificação impiedosa vale mais na discussão sobre políticas do que no próprio campo da teoria.

Assim, fazendo economia sobre questões relevantes de política econômica não significa, para mim, uma mudança drástica no meu estilo intelectual. E tem seus próprios retornos. Vamos ser honestos e admitir que esses retornos incluem convites para conferências e realizar discursos a

honorários muito mais altos do que um purista acadêmico provavelmente obteria. Vamos também admitir que uma das alegrias da pesquisa sobre políticas é a oportunidade para chocar a burguesia, mostrar a falsidade ou a tolice de pontos de vista oficiais das posições de autoridade. Por exemplo, sei que não fui o único economista internacional a sentir algum prazer mostrando os absurdos do Maastricht Treaty e não foi com algum prazer repugnante quando a crise ERM, que eu e outros predissemos, veio a acontecer no verão de 1992.

O principal retorno para o trabalho sobre política, contudo, é a estimulação intelectual. Nem todas as questões do mundo real são interessantes - penso que quase nada que tem a ver com taxaço é melhor que uma pílula para dormir - mas a cada dois anos, se não mais frequentemente, a economia internacional gera uma questão que abre espaço para uma pesquisa excitante. Meu estímulo para escrever artigos de teoria veio do *Plaza* e do *Louvre*, do *Brady Plan*, NAFTA e EMU. Todos eles foram artigos que, penso, poderiam ser considerados independentemente das políticas econômicas.

Naturalmente, há sempre o risco de um economista que progride no circuito político não ter mais tempo suficiente para a pesquisa básica. Como um escritor muito rápido e usando muito este dom, escrevo um número espantosamente grande de artigos para conferências. Ainda, penso que o grande perigo de fazer pesquisa sobre política econômica não é tanto a perda de seu tempo, mas a ameaça para seus valores. É fácil ser seduzido pela convicção de que a influência direta sobre políticas é mais importante do que simplesmente escrever artigos - isso ocorreu com muitos colegas. Uma vez que você segue aquele caminho, que começa a pensar que David Mulford é mais importante que Bob Solow, ou prefere gastar tempo com o ministro de finanças da Ruritania a discutir teoria com Avinash Dixit, você está provavelmente perdido para a pesquisa. Muito em breve estará provavelmente usando "*impacto*" como verbo.

Felizmente, embora adore trabalhar em "*questões*" de política econômica, nunca fui capaz de levar muito a sério os *policy makers*. Essa falta de seriedade cria-me problemas ocasionais - como na época em que uma brincadeira delicada sobre a França, feita entre parênteses em um artigo de conferência, provocou um extenso e violento ataque do oficial francês que acompanhava a conferência - e deve excluir-me sempre de qualquer posição política importante. Mas, tudo bem: no final, eu preferiria mesmo escrever um pouco mais de bons artigos a ocupar uma posição de poder real. - Nota para o mundo político: isso não significa que necessariamente recusaria essa posição se me fosse oferecida!

## Arrependimentos

Há muitas coisas sobre minha vida e minha personalidade que lamento - se no aspecto profissional minha vida desenvolveu-se maravilhosamente bem, em outros aspectos não foi tão fácil ou feliz. Mas, neste ensaio quero falar somente sobre os arrependimentos profissionais.

Um arrependimento menor é nunca me ter engajado em um trabalho empírico realmente sério. Não que eu detestasse fatos ou números reais. Para mim, o trabalho empírico é leve na forma de tabelas, gráficos e talvez umas poucas regressões razoavelmente agradáveis. Mas, o meu problema em construir e analisar séria e minuciosamente um conjunto de dados é, em parte, porque muitas de minhas idéias não se prestam para testes econométricos padrão. Mas, principalmente, por causa da minha falta de paciência e habilidade organizacional. Todo ano prometo tentar fazer algum trabalho empírico real. No próximo ano realmente farei!

Um arrependimento maior é que, enquanto as avaliações do curso no MIT me colocavam como um professor muito bom, ainda não tinha obtido sucesso na formação de uma corrente de estudantes realmente ótimos, aquela espécie que projeta fama sobre seus professores. Posso desculpar-me por essa falha - os estudantes preferem freqüentemente orientadores mais metódicos e menos intuitivos e eu afugento os estudantes por pedir que eles usem menos matemática e mais economia. É também verdade que pareço provavelmente ocupado e distraído e, talvez, não esteja exatamente impondo-me o suficiente como pessoa para despertar inspiração (se fosse somente umas poucas polegadas mais alto...). Não me importam as razões. Penso que poderia fazer melhor e tenciono tentar. Afinal de contas fui muito feliz. Muito dessa felicidade tem a ver com os acidentes que me levaram a encontrar um estilo intelectual que me serviu extremamente bem. Tentei, neste ensaio, definir e explicar esse estilo. Isso é uma filosofia de vida? Naturalmente, não. Não estou certo nem mesmo de que seja uma filosofia de pesquisa econômica, pois o que funciona para um economista não deve funcionar para outro. Mas, é como faço pesquisa e funciona para mim.

